

# Incorporação por Espíritos

*“Chegaram à outra margem do mar, na região dos gerasenos. Quando desembarcou, um homem possesso de um espírito impuro, saindo dos sepulcros, logo foi ao seu encontro. Ele morava nos sepulcros e ninguém conseguia mantê-lo preso, nem mesmo com correntes, pois muitas vezes lhe haviam algemado os pés e as mãos, quebrava as algemas, e ninguém o dominava. Passava o tempo inteiro nos sepulcros e sobre os montes, gritando e ferindo-se com pedras” (Mc 5,1-5).*

## Introdução

Comumente, diz-se da possibilidade de um Espírito entrar no corpo de um médium, para transmitir o seu pensamento. É o termo usado pelos umbandistas para designar a fase do transe mediúnico, na qual o Espírito comunicante literalmente incorpora-se no mediano, ou seja, “entra” no seu corpo. No movimento espírita, tem-se evitado usar esse termo, embora, como veremos mais adiante, alguns espíritos e espíritas o utilizem.

O Aurélio assim define o vocábulo: *Tomada do corpo do médium por um guia ou espírito; descida, transe mediúnico.* Para melhor entendimento, colocaremos uma explicação mais abrangente que se encontra num *site* espírita<sup>1</sup>:

[do latim incorporatione] – 1. Ato ou efeito de incorporar(-se). 2. O termo incorporação tem sido aplicado inadequadamente à mediunidade psicofônica, pois não tem como dois espíritos ocuparem o mesmo corpo. No entanto, alguns teóricos espíritas afirmam que a incorporação se dá quando o Espírito, ainda que sob o controle do médium, tem a liberdade de movimentar por completo o corpo do mesmo, o que seria também chamado de psicopraxia.

Ato em que o espírito desencarnado “entra” no corpo do médium para uma interação com os demais encarnados. O espírito do médium cede lugar momentaneamente para o espírito animador. Este sempre permanece no aparelho por algum tempo, sendo totalmente impossível uma incorporação mais duradoura. O espírito que incorpora em um corpo pode doar ou sugar energias do corpo que lhe acolhe, dependendo do grau de adiantamento do espírito em questão. O espírito do médium permanece ligado a seu corpo pelo “cordão-de-prata”. A incorporação é um dos mais interessantes e praticados fenômenos espíritas. Suas possibilidades são muitíssimo vastas, não só do ponto de vista da comunicação efetiva com o espírito como sua interação com o meio físico mais propriamente. Verifica-se, em muitos casos, um grande desgaste por parte do espírito [encarnado?] logo após a desincorporação, possivelmente devido a grande troca energética que se verifica entre o espírito, o médium e o meio. (Leitura básica: “O Livro dos Médiuns” de Allan Kardec).

Muita dúvida, é certo, ainda suscita esse tema. Mesmo sem que tenhamos feito um levantamento quantitativo, é bem provável que a esmagadora maioria dos estudiosos do Espiritismo – já ouvimos inclusive isso de vários deles – não aceitar tal possibilidade, especialmente quando se leva em conta o que consta em *O Livro dos Espíritos*, onde, como vimos, se diz: “O Espírito não entra num corpo como entras numa casa. [...] Um Espírito não pode substituir-se ao que está encarnado, [...]” (KARDEC, 2007a, p. 282).

Um alerta aos que têm essa primeira obra publicada pelo Codificador como algo no qual se encontra pronto e acabado tudo que se relaciona à Doutrina Espírita, não cabendo acrescentar nada mais do que está nela, transcrevemos esta esclarecedora e oportuna fala de Kardec: “O Livro dos Espíritos não é um tratado completo do Espiritismo; não faz senão

<sup>1</sup> <http://portalespirito.com/doutrina/letra-i.htm>

colocar-lhe as bases e os pontos fundamentais, que devem se desenvolver sucessivamente pelo estudo e pela observação". (KARDEC, 1993i, p. 223).

## O que geralmente se pensa desse assunto

A título de exemplo, do que normalmente se pensa do assunto, transcrevemos:

### Existe a incorporação de Espíritos?

No sentido semântico do termo **não existe incorporação**, pois nenhum Espírito conseguiria tomar o corpo de outra pessoa, assumindo o lugar da sua Alma. **O que ocorre é que o médium e o Espírito se comunicam de perispírito a perispírito, ou seja, mente a mente, dando a impressão de que o médium está incorporado.** Na mediunidade equilibrada, o médium tem um maior controle de sua faculdade e **o fenômeno mediúcnico acontece mais a nível mental.** Nos processos obsessivos graves (doenças mórbidas causadas por Espíritos inferiores), onde a mediunidade está perturbada, podem ocorrer crises nervosas. Observadores de pouco conhecimento podem achar que um Espírito mau apoderou-se do corpo do enfermo. Foi esse fenômeno que deu origem às práticas de exorcismo.

(<http://www.espirito.org.br/portal/perguntas/prg-004.html>, grifo nosso).

Oportuno, que possamos trazer ao estudo duas outras opiniões, que têm uma possibilidade bem grande de influenciar alguns confrades manterem-se firme na crença de que não há posse física.

A primeira delas a encontramos na obra *Desafios da Mediunidade*, na psicografia de José Raul Teixeira (1949- ), da qual transcrevemos a resposta do autor espiritual, Camilo, à pergunta "É correto falar-se em 'incorporação'?"

Não se trata bem da questão de certo ou errado. Trata-se de uma utilização tradicional, uma vez que **nenhum estudioso do Espiritismo, hoje em dia, irá supor que um desencarnado possa "penetrar" o corpo de um médium,** como se poderia admitir num passado não muito distante. [...]. (TEIXEIRA, 2012, p. 47, grifo nosso).

A segunda opinião é do tribuno Divaldo Pereira Franco (1927- ), que está registrada numa entrevista do Programa Transição, onde ele, discorrendo sobre Mediunidade, refere-se ao filme *Ghost: do outro lado da vida*, dizendo:

Gostaria de fazer um pequeno adendo. É que posteriormente, nas comunicações tem-se a impressão que o desencarnado entrava no corpo da médium para poder comunicar-se. Essa informação não é verdadeira. Embora o filme seja muito bem elaborado, ele foge um pouco à técnica do fenômeno da mediunidade. Os fenômenos mediúnicos ocorrem através do perispírito do médium. O perispírito do desencarnado ou corpo astral, como normalmente é denominado, ao acoplar-se ao corpo astral do médium ou perispírito, palavra cunhada por Allan Kardec, transmite as suas emoções, as suas sensações e através do direcionamento psíquico comandando o chacra coronário e o chacra cerebral, a sede da consciência e a sede da superconsciência, transmite com naturalidade as informações. Foi um dos detalhes que, no filme, me chamou a atenção. Dando a impressão que o espírito entra no médium, conforme o líquido no vasilhame, não é exatamente assim. (FRANCO, 2008, de 19' 22" a 20' 25").

Trazendo essas duas opiniões queremos demonstrar que não devemos aceitar cegamente o que dizem os Espíritos ou Espíritas, porquanto, falam do que conhecem sem estar, necessariamente, corretos, já que todos somos falíveis.

## Na Codificação o que podemos encontrar?

A nosso ver, Kardec não detalhou esses casos; mas, em algumas situações, podemos

ver que há um campo aberto a esse entendimento. Fora o caso da possessão, que já vimos no tópico anterior, podemos citar certos pontos abordados por ele, para melhor entendimento do assunto.

Resta agora a questão de saber se o Espírito pode comunicar-se com o homem, isto é, se pode com este trocar ideias. Por que não? Que é o homem, senão um Espírito aprisionado num corpo? Por que não há de o Espírito livre se comunicar com o Espírito cativo, como o homem livre com o encarcerado?

Desde que admitis a sobrevivência da alma, será racional que não admitais a sobrevivência dos afetos? Pois que as almas estão por toda parte, não será natural acreditarmos que a de um ente que nos amou durante a vida se acerque de nós, deseje comunicar-se conosco e se sirva para isso dos meios de que disponha? Enquanto vivo, não atuava ele sobre a matéria de seu corpo? Não era quem lhe dirigia os movimentos? **Por que razão, depois de morto, entrando em acordo com outro Espírito ligado a um corpo, estaria impedido de se utilizar deste corpo vivo, para exprimir o seu pensamento**, do mesmo modo que um mudo pode servir-se de uma pessoa que fale, para se fazer compreendido? (KARDEC, 2007b, p. 24-25, grifo nosso).

A utilização do corpo físico de um Espírito encarnado por um Espírito desencarnado parece-nos ser, ainda que de modo não muito explícito, uma possibilidade tratada aqui neste tópico.

O perispírito, para nós outros Espíritos errantes, é o agente por meio do qual nos comunicamos convosco, **quer indiretamente, pelo vosso corpo ou pelo vosso perispírito, quer diretamente, pela vossa alma**; donde, infinitas modalidades de médiuns e de comunicações. (KARDEC, 2007b, p. 74, grifo nosso).

Nesse trecho da fala de Lamennais (Espírito), surgem três aspectos diferentes pelos quais acontece o fenômeno da comunicação espiritual, de cujo mecanismo o perispírito é a base fundamental: pelo corpo, pelo perispírito e pelo Espírito, o que, segundo acreditamos, significaria, pela ordem: a incorporação completa, o envolvimento parcial de algum membro do corpo e o assim denominado "mente a mente".

A *pneumatografia* é a escrita produzida diretamente pelo Espírito, sem intermediário algum; difere da *psicografia*, por ser esta a **transmissão do pensamento do Espírito**, mediante a escrita feita com a mão do médium. (KARDEC, 2007b, p. 200, grifo nosso).

Observamos que, ao se falar da particularidade da transmissão do pensamento do Espírito na psicografia, isso nos dá a ideia de que, pelo menos nesse caso, tem-se admitido no fenômeno a ocorrência da ligação mental entre o encarnado e o desencarnado. Essa poderia ser também a justificativa, dada por muitos, de que a fenomenologia tem como base tal mecanismo, ou seja, o de ser o fator de sua produção uma conexão "mente a mente".

Chamamos *psicografia indireta* à escrita assim obtida, em contraposição à *psicografia direta* ou *manual*, obtida pelo próprio médium. Para se compreender este último processo, é mister levar em conta o que se passa na operação. **O Espírito que se comunica atua sobre o médium que, debaixo dessa influência, move maquinalmente o braço e a mão para escrever**, sem ter (é, pelo menos, o caso mais comum) a menor consciência do que escreve; a mão atua sobre a cesta e a cesta sobre o lápis. (KARDEC, 2007b, p. 209, grifo nosso).

**Quando atua diretamente sobre a mão**, o Espírito lhe dá uma impulsão de todo independente da vontade deste último. Ela se move sem interrupção e sem embargo do médium, enquanto o Espírito tem alguma coisa que dizer, e para, assim ele acaba.

Nesta circunstância, o que caracteriza o fenômeno é que o médium não tem a menor consciência do que escreve. [...]. (KARDEC, 2007b, p. 230, grifo nosso).

Parece-nos que, aqui, a coisa se dá de uma forma diferente da anterior, pois Kardec não fala em transmissão de pensamento, mas em atuação do Espírito que faz com que o médium, sob essa influência, passe a escrever. Não estaria aqui uma ação direta do Espírito comunicante sobre o braço do médium? Se for desse jeito, então, o fenômeno não se enquadraria, segundo supomos, no conceito "mente a mente" especialmente da forma como isso é geralmente entendido.

Os médiuns audientes, que apenas transmitem o que ouvem, não são, a bem-dizer, **médiuns falantes**. Estes últimos, as mais das vezes, nada ouvem. **Neles, o Espírito atua sobre os órgãos da palavra**, como atua sobre a mão dos médiuns escreventes. Querendo comunicar-se, **o Espírito se serve do órgão** que se lhe depara mais flexível no médium. A um, toma da mão; a outro, da palavra; a um terceiro, do ouvido. O médium falante geralmente se exprime sem ter consciência do que diz e muitas vezes diz coisas completamente estranhas às suas ideias habituais, aos seus conhecimentos e, até, fora do alcance de sua inteligência. Embora se ache perfeitamente acordado e em estado normal, raramente guarda lembrança do que diz. Em suma, nele, a palavra é um instrumento de que se serve o Espírito, com o qual uma terceira pessoa pode comunicar-se, como pode com o auxílio de um médium audiente. (KARDEC, 2007b, p. 218-219, grifo nosso).

Ao dar as características do médium falante, Kardec as descreve como decorrentes de uma atuação do Espírito sobre os órgãos da palavra, dando-a por semelhante à que acabamos de citar. Assim, acreditamos que não prevalece o "mente a mente" como única base para o fenômeno, embora não tenhamos dúvida de que foi uma mente que o tenha produzido.

A transmissão do pensamento também se dá por meio do Espírito do médium, ou, melhor, de sua alma, pois que por este nome designamos o Espírito encarnado. **O Espírito livre, neste caso, não atua sobre a mão**, para fazê-la escrever; não a toma, não a guia. **Atua sobre a alma, com a qual se identifica**. A alma, sob esse impulso, dirige a mão e esta dirige o lápis. Notemos aqui uma coisa importante: é que o **Espírito livre não se substitui à alma**, visto que não a pode deslocar. Domina-a, mau grado seu, e lhe imprime a sua vontade. Em tal circunstância, o papel da alma não é o de inteira passividade; ela recebe o pensamento do Espírito livre e o transmite. Nessa situação, o médium tem consciência do que escreve, embora não exprima o seu próprio pensamento. É o que se chama *médium intuitivo*. (KARDEC, 2007b, p. 230-231, grifo nosso).

No caso dos médiuns intuitivos, explica-nos Kardec que a ação do Espírito não é sobre a mão, mas sobre a alma do médium. Disso entendemos que pode ser aplicado, nesta situação, o "mente a mente" como base de sua origem. Contudo, também, aqui fica bem claro que em outros casos isso não ocorre, conforme já o dissemos.

Os Espíritos insistiram, contra a nossa opinião, em incluir a escrita direta entre os fenômenos de ordem física, pela razão, disseram eles, de que: "Os efeitos inteligentes são aqueles para cuja produção **o Espírito se serve dos materiais existentes no cérebro do médium**, o que não se dá na escrita direta. A ação do médium é aqui toda material, ao passo que no médium escrevente, ainda que completamente mecânico, **o cérebro desempenha sempre um papel ativo**." (KARDEC, 2007b, p. 240, grifo nosso).

Talvez aqui possamos ter uma ideia de que, nos fenômenos de efeitos inteligentes, há sempre a utilização do cérebro do médium; entretanto, isto não implica dizer que seja tudo na base da ligação de "mente a mente". Porém, ao se tratar da mediunidade, de uma forma genérica, a coisa torna-se complicada, diante do que se estará afirmando:

*"O Espírito, que se comunica por um médium, transmite diretamente seu pensamento, ou este tem por intermediário o Espírito encarnado no médium?"*

**'O Espírito do médium é o intérprete**, porque está ligado ao corpo que

serve para falar e por ser necessária uma cadeia entre vós e os Espíritos que se comunicam, como é preciso um fio elétrico para comunicar a grande distância uma notícia e, na extremidade do fio, uma pessoa inteligente, que a receba e transmita". (KARDEC, 2007b, p. 280, grifo nosso).

Neste ponto, pela resposta dos Espíritos, a fenomenologia mostra-se, genericamente, como o meio do qual se utiliza o Espírito para transmitir sua mensagem, tendo como base o médium intérprete, do que podemos concluir ser o caso de se aplicar o "mente a mente", embora esse caso nos pareça conflitar com o dito anteriormente.

**Durante a sua encarnação, o Espírito atua sobre a matéria por intermédio do seu corpo fluidico ou perispírito, dando-se o mesmo quando ele não está encarnado.** Como Espírito e na medida de suas capacidades, faz o que fazia como homem; apenas, por já não ter o corpo carnal para instrumento, **serve-se, quando necessário, dos órgãos materiais de um encarnado**, que vem a ser o a que se chama *médium*. Procede então como um que, não podendo escrever por si mesmo, se vale de um secretário, ou que, não sabendo uma língua, recorre a um intérprete. O secretário e o intérprete são os *médiuns* de um encarnado, do mesmo modo que o médium é o secretário ou o intérprete de um Espírito. (KARDEC, 2007b, p. 300, grifo nosso).

Nas duas condições, quer como encarnado ou desencarnado, a atuação do Espírito sobre a matéria, no caso o corpo físico, abre porta, segundo acreditamos, para a possibilidade da incorporação, no exato sentido do termo.

**Por meio do seu perispírito é que o Espírito atuava sobre o seu corpo vivo;** ainda por intermédio desse mesmo fluido é que ele se manifesta; atuando sobre a matéria inerte, é que produz ruídos, movimentos de mesa e outros objetos, que os levanta, derriba, ou transporta. Nada tem de surpreendente esse fenômeno, se considerarmos que, entre nós, os mais possantes motores se encontram nos fluidos mais rarefeitos e mesmo imponderáveis, como o ar, o vapor e a eletricidade.

É igualmente com o concurso do seu perispírito que o **Espírito** faz que os médiuns escrevam, falem, desenhem. **Já não dispondo de corpo tangível para agir ostensivamente quando quer manifestar-se, ele se serve do corpo do médium, cujos órgãos toma de empréstimo, corpo ao qual faz que atue como se fora o seu próprio, mediante o eflúvio fluidico que verte sobre ele.** (KARDEC, 2007e, p. 343, grifo nosso).

Temos aqui um complemento da explicação anterior, que torna mais clara ainda a questão do uso do corpo físico do encarnado por um Espírito, no processo de comunicação.

Quem quiser se dar a oportunidade de ir a algum terreiro de Umbanda verá que um médium totalmente "tomado" por um Espírito chega, em alguns casos, a beber até um litro de cachaça (marafa), sem que isso lhe altere qualquer coisa em seu corpo. Depois que o retoma, após a saída do Espírito comunicante, está, o médium, tão normal quanto alguém que nada bebeu. Será que isso aconteceria se o intercâmbio fosse, como acreditam muitos, simplesmente pelo processo de ligação de "mente a mente"? A nossa suspeita em relação a esse fato é que, por ter o Espírito desencarnado acoplado ao corpo físico do médium, ao sair ele leva consigo, impregnadas no seu perispírito, todas as energias provenientes da beberagem. De igual modo, presumimos acontece quando se faz o uso do fumo.

Uma coisa é importante lembrar aos que acham que tudo já foi dito, à semelhança do que acontece com muitos crentes em relação à Bíblia, é que Kardec não pôs um ponto final no que recebeu dos Espíritos, conforme sua afirmação, já mencionada por nós; porém, cabe repetir: "O Livro dos Espíritos não é um tratado completo do Espiritismo; não faz senão colocar-lhe as bases e os pontos fundamentais, que devem se desenvolver sucessivamente pelo estudo e pela observação" (KARDEC, 1993i, p. 223). Portanto, se na experiência diária, chegarmos a novas conclusões, para determinados fenômenos, não estaremos jamais indo contra Kardec; mas, ao contrário, estaremos agindo segundo nos orientou.

## O que dizem alguns autores consagrados?

Seguindo nosso estudo, iremos agora ver o que Léon Denis (1846-1927) nos traz a respeito desse intrigante assunto. Em seu livro *No Invisível*, cita a opinião de Frederic Myers (1843-1901), professor da Universidade de Cambridge, que foi um pesquisador dos fenômenos psíquicos e um dos fundadores da Sociedade de Investigações Psíquicas de Londres:

**"Afirmo que essa substituição de personalidade, ou incorporação de espírito, ou possessão, assinala verdadeiramente um progresso na evolução da nossa raça.** Afirmo que **existe um espírito no homem**, e que é salutar e desejável que esse espírito, como se infere de tais fatos, seja **capaz de se desprender parcial e temporariamente de seu organismo**, o que lhe facultaria uma liberdade e visão mais extensas, ao mesmo tempo em **que permitiria ao espírito de um desencarnado fazer uso desse organismo, deixado momentaneamente vago**, para entrar em comunicação com os outros espíritos ainda encarnados na Terra. Julgo poder assegurar que muitos conhecimentos já se têm adquirido nesse domínio e que muitos outros restam ainda a adquirir para o futuro." (DENIS, 1987, p. 31, grifo nosso).

A percepção de Myers é clara quanto à possibilidade de um Espírito desencarnado usar o corpo físico de um encarnado pela incorporação.

Vejamos, agora, o que o próprio Léon Denis fala a respeito disso no capítulo XIX, intitulado *Transe e incorporações*:

**O estado de transe** é esse grau de sono magnético que **permite ao corpo fluídico exteriorizar-se, desprender-se do corpo carnal**, e à alma tornar a viver por um instante sua vida livre e independente. A separação, todavia, nunca é completa; a separação absoluta seria a morte. Um laço invisível continua a prender a alma ao seu invólucro terrestre. Semelhante ao fio telefônico que assegura a transmissão entre dois pontos, esse laço fluídico permite à alma despreendida transmitir suas impressões pelos órgãos do corpo adormecido. No transe, o médium fala, move-se, escreve automaticamente; desses atos, porém, nenhuma lembrança conserva ao despertar.

O estado de transe pode ser provocado, quer pela ação de um magnetizador, quer pela de um Espírito. Sob o influxo magnético, os laços que unem os dois corpos se afrouxam. A alma, com seu corpo sutil, vai-se emancipando pouco a pouco; recobra o uso de seus poderes ocultos, comprimidos pela matéria. Quanto mais profundo é o sono, mais completo vem a ser o desprendimento. As radiações da psique aumentam e se dilatam; um estado diferente de consciência, faculdades novas se revelam. Um mundo de recordações e conhecimentos, sepultados nas profundezas do "eu", se patenteia. O médium pode, sob o império de uma vontade superior, reconstituir-se numa de suas passadas existências, revivê-la em todas as suas particularidades, com as atitudes, a linguagem e os atributos que caracterizam essa existência. Entram ao mesmo tempo em ação os sentidos psíquicos. A visão e audição à distância se produzem tanto mais claras e fiéis quanto mais completa é a exteriorização da alma.

**No corpo do médium, momentaneamente abandonado, pode dar-se uma substituição de Espírito. É o fenômeno das incorporações. A alma de um desencarnado, mesmo a alma de um vivo adormecido, pode tomar o lugar do médium e servir-se de seu organismo material**, para se comunicar pela palavra e pelo gesto com as pessoas presentes. (DENIS, 1987, p. 249, grifo nosso).

O Espírito encarnado, dadas as circunstâncias apropriadas, pode se afastar do seu corpo, fenômeno esse conhecido como emancipação de alma. Esse fato é que possibilita ao desencarnado se apropriar temporariamente desse corpo para usá-lo em sua manifestação.

Continuando a análise da questão, ainda coloca Denis:

Indagam certos experimentadores: o Espírito do manifestante se incorpora efetivamente no organismo do médium? ou opera ele antes, a distância, pela

sugestão mental e pela transmissão de pensamento, como o pode fazer um espírito exteriorizado do sensitivo?

Um exame atento dos fatos nos leva a crer que **essas duas explicações são igualmente admissíveis, conforme os casos**. As citações que acabamos de fazer provam que **a incorporação pode ser real e completa**. É mesmo algumas vezes inconsciente, quando, por exemplo, certos Espíritos pouco adiantados são conduzidos por uma vontade superior ao corpo de um médium e postos em comunicação conosco, a fim de serem esclarecidos sobre sua verdadeira situação. Esses Espíritos, perturbados pela morte, acreditam ainda, muito tempo depois, pertencerem à vida terrestre. Não lhes permitindo seus fluidos grosseiros entrarem em relação com Espíritos mais adiantados, são levados aos grupos de estudo, para serem instruídos acerca de sua nova condição. É difícil às vezes fazer-lhes compreender que abandonaram a vida carnal e sua estupefação atinge o cômico, quando, convidados a comparar o organismo que momentaneamente animam com o que possuíam na Terra, são obrigados a reconhecer o seu engano. **Não se poderia duvidar, em tal caso, na incorporação completa do Espírito.**

**Noutras circunstâncias, a teoria da transmissão à distância parece melhor explicar os fatos.** As impressões oriundas de fora são mais ou menos fielmente percebidas e transmitidas pelos órgãos. Ao lado de provas de identidade, que nenhuma hesitação permitem sobre a autenticidade do fenômeno e intervenção dos Espíritos, verificam-se, na linguagem do sensitivo em transe, expressões, construções de frases, um modo de pronunciar que lhe são habituais. **O Espírito parece projetar o pensamento no cérebro do médium**, onde adquire, de passagem, formas de linguagem familiares a este. A transmissão se efetua, em tal caso, no limite dos conhecimentos e aptidões do sensitivo, em termos vulgares ou escolhidos, conforme o seu grau de instrução. Daí também certas incoerências que se devem atribuir à imperfeição do instrumento.

Ao despertar, o Espírito do médium perde toda consciência das impressões recebidas no sentido de liberdade, do mesmo modo que não guardará o menor conhecimento do papel que seu corpo tenha desempenhado durante o transe. Os sentidos psíquicos, de que por um momento havia readquirido a posse, se extinguem de novo; a matéria estende o seu manto; a noite se produz; toda recordação se desvanece. O médium desperta num estado de perturbação, que lentamente se dissipa. (DENIS, 1987, p. 252-254, grifo nosso).

Neste ponto, segundo a opinião de Léon Denis, que é considerado o "sucessor" de Kardec, fica assim clara a questão de existirem, além da incorporação, com o desencarnado assumindo o corpo físico do encarnado, os casos de transmissão de pensamento, o que confirma o "mente a mente", de forma parcial, ou seja, não é uma regra para todos os casos, como, obviamente, a incorporação também não o é.

Interessante registrar o que ele argumentou a respeito do funcionamento do cérebro nesses casos:

No transe, a entidade psíquica, a alma, se revela por distinta atividade do funcionamento orgânico, por particular acuidade das faculdades. Quando é completa a exteriorização, o Espírito do médium pode agir sobre o corpo adormecido com mais eficácia que no estado de vigília e do mesmo modo que um Espírito estranho. **O cérebro não é então, como no estado normal, um instrumento movido diretamente pela alma, mas um receptor que ela aciona de fora.** (DENIS, 1987, p. 272, grifo nosso).

Assumindo, pelo cérebro, o total comando do corpo físico do encarnado, o Espírito faz dele o que sua vontade quer. Daí, talvez se explique, com mais propriedade, a capacidade de muitos médiuns reproduzirem fielmente tanto a voz quanto a caligrafia do desencarnado, de tal sorte que passará em qualquer teste científico objetivando comprovar a perfeita identidade disso com o que produzia quando vivo. E quem sabe se, também, não explica a razão de, nesses casos, haver inconsciência do médium quanto ao que transmite ao público.

Gabriel Delanne (1857-1926) em *O fenômeno espírita*, falando sobre a incorporação, disse:

A mediunidade, pela pena, abrevia e simplifica as comunicações com os Espíritos; porém, há outro modo ainda mais expedito, por meio do qual **o Espírito se apodera dos órgãos do médium e conversa por sua boca, como o poderia fazer se ele próprio estivesse encarnado**. Os ingleses e norte-americanos dizem que, nesse caso, o médium está em transe. (DELANNE, 1977, p. 105, grifo nosso).

Ao que nos parece, Delanne também admitia a incorporação, especialmente pela forma com que fala “o Espírito se apodera dos órgãos do médium”.

Gustave Geley (1868-1914), metapsiquista, fundador e primeiro diretor do Instituto Metapsíquico Internacional, de Paris, também dá a sua contribuição para elucidar o assunto. De sua obra, *Resumo da Doutrina Espírita*, transcrevemos:

**A incorporação é o fenômeno, segundo o qual o espírito toma posse do corpo do médium**, e não apenas de um membro ou de um órgão. Nestes casos, não é só a palavra e a voz que fazem lembrar as do morto; reconhecem-se também os gestos característicos que acompanham o discurso, as atitudes e a expressão geral da fisionomia. No seu grau superior o fenômeno é também acompanhado de *transfiguração*. O corpo e o rosto do médium sofrem modificações momentâneas, *reais e não ilusórias*, que os fazem parecer-se muitíssimo aos do defunto incorporado naquele momento.

Este fenômeno, embora pouco frequente, parece ser dos mais impressionantes. (GELEY, 2009, p. 54-55, grifo nosso).

A posição de Geley é bem clara, quanto ao fenômeno de incorporação ser algo “real e não ilusório”.

A divergência de opiniões, entre os vários autores espíritas, é flagrante; uns contra, poucos a favor, fato que também não deixamos de observar entre os próprios Espíritos desencarnados.

Como exemplo do grupo que comunga com essa hipótese, citamos Cairbar Schutel (1868-1938), que assim se expressou:

Na mediunidade falante verificam-se também casos de incorporação: o Espírito do médium se afasta um tanto do seu organismo para dar lugar a outro Espírito, que se utiliza do corpo. Neste caso, há sempre inconsciência do médium, porque ele cai em estado de transe. (SCHUTEL, 1984, p. 37).

Portanto, Schutel não deixa dúvida quanto ao fato.

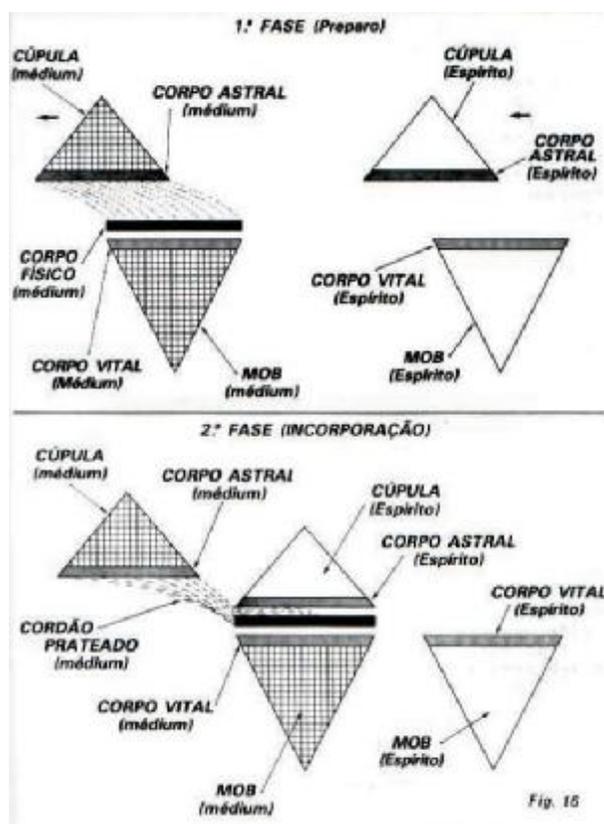
Podemos ainda citar o Dr. Hernani Guimarães Andrade (1913-2003) que, estudando a questão das incorporações mediúnicas, obsessões e possessões, a certa altura, diz-nos:

Principiaremos com o mais comum e corriqueiro: a “incorporação mediúnica”. Na incorporação mediúnica, podemos distinguir várias graduações, se tomarmos por base os diferentes níveis de conservação de consciência e controle, por parte do médium, durante a comunicação dada pelo Espírito manifestante.

A “incorporação mediúnica” pode, também, distinguir-se por diversas modalidades de comunicação: psicofonia, psicografia, possessão parcial ou total das manifestações de habilidades não aprendidas tais como nos casos de psicopictografia, psicocirurgia, psicoescultura, psicomúsica, escrita automática incontrolável com xenografia, xenoglossia, múltipla personalidade, transfiguração (esta última pertencendo também ao capítulo das ectoplasmias), etc.

O mecanismo da “incorporação mediúnica” é fácil de compreender. Ela pode principiar pela aproximação da entidade que deseja comunicar-se. Esta poderá eventualmente influenciar o “médium”, facilitando-lhe o “transe”. **O médium passa então a sofrer um desdobramento astral (OBE) e sua cúpula juntamente com o corpo astral deslocam-se parcial ou totalmente de maneira a permitir que a cúpula e o corpo astral do Espírito comunicante ocupe parcial ou totalmente o campo livre deixado pelo**

**“corpo astral” do médium.** A incorporação é tanto mais perfeita quanto maior o espaço é cedido pelo astral do médium ao afastar-se do seu corpo físico, deixando lugar para a cúpula com o corpo astral do comunicador. Este – o Espírito comunicante – deverá sofrer um processo semelhante ao desdobramento astral, para permitir que sua cúpula e corpo astral possam justapor-se ao espaço livre deixado pelo médium (ver fig. 16).



Na figura 16 mostramos esquematicamente o mecanismo de uma incorporação mediúmica completa. Há casos em que a parte astral do médium se desloca só parcialmente, permitindo que apenas uma fração do astral do Espírito comunicador entre em contacto com a zona anímico-perispirítica daquele. Mesmo nestas condições pode haver comunicação, a qual poderá ser em parte direta e em parte telepática. Em semelhante circunstância há sempre possibilidade de controle das comunicações, por parte do médium. Este poderá interferir no processo, ainda mesmo que totalmente afastado, pois a ligação com a sua zona anímico-perispirítica não cessa. Há sempre a presença do “cordão prateado” garantindo o domínio do próprio equipamento somático. (ANDRADE, 2002, p. 121-124, grifo nosso).

Dentro da hipótese defendida por Dr. Hernani sobre o MOB – Modelo Organizador Biológico, a sua explicação, de como acontece o fenômeno de incorporação, é feita de uma forma que nos dá uma boa ideia do que, de fato, segundo ele, ocorre nesses casos.

Na série André Luiz, pela psicografia de Francisco Cândido Xavier (1910-2002), encontramos esse assunto em duas de suas obras. A primeira é a que tem o título de *Missionários da Luz*, na qual tece comentários sobre o fenômeno – capítulo 16, Incorporação. Vamos transladar alguns pontos, que julgamos importantes, para o entendimento do tema.

Enquanto Alexandre ouvia em silêncio, o simpático colaborador prosseguiu, depois de ligeira pausa:

– Estimariamos receber a devida autorização para trazê-lo... **Poderia incorporar-se na organização mediúmica de nossa irmã** Otávia e fazer-se ouvir, de algum modo, diante dos amigos e familiares...

[...].

– Ouça, porém, meu amigo! – tornou Alexandre, sereno e enérgico – é

indispensável que você medite sobre o acontecimento. **Lembre-se de que você vai utilizar um aparelho neuro-muscular que lhe não pertence.** Nossa amiga Otávia servirá de intermediária. No entanto, você não deve desconhecer as dificuldades de um médium para satisfazer a particularidades técnicas de identificação dos comunicantes, diante das exigências de nossos irmãos encarnados. Compreende bem?

[...].

Terminada a oração e levado a efeito o equilíbrio vibratório do ambiente, com a cooperação de numerosos servidores de nosso plano, **Otávia foi cuidadosamente afastada do veículo físico, em sentido parcial, aproximando-se Dionísio, que também parcialmente começou a utilizar-se das possibilidades dela. Otávia mantinha-se a reduzida distância,** mas com poderes para retomar o corpo a qualquer momento num impulso próprio, guardando relativa consciência do que estava ocorrendo, **enquanto que Dionísio conseguia falar, de si mesmo, mobilizando, no entanto, potências que lhe não pertenciam e que deveria usar, cuidadosamente, sob o controle direto da propriedade legítima** e com a vigilância afetuosa de amigos e benfeitores, que lhe fiscalizavam a expressão com o olhar, de modo a mantê-lo em boa posição de equilíbrio emotivo. **Reconheci que o processo de incorporação comum era mais ou menos idêntico ao da enxertia da árvore frutífera.** A planta estranha revela suas características e oferece seus frutos particulares, mas a árvore enxertada não perde sua personalidade e prossegue operando em sua vitalidade própria. Ali também, **Dionísio era um elemento que aderiu às faculdades de Otávia, utilizando-as na produção de valores espirituais que lhe eram característicos,** mas naturalmente subordinado à médium, sem cujo crescimento mental, fortaleza e receptividade, não poderia o comunicante revelar os caracteres de si mesmo, perante os assistentes. Por isso mesmo, logicamente, não era possível isolar, por completo, a influência de Otávia, vigilante. A casa física era seu templo, que urgia defender contra qualquer expressão desequilibrante, e nenhum de nós, os desencarnados presentes, tinha o direito de exigir-lhe maior afastamento, porquanto lhe competia guardar as suas potências fisiológicas e preservá-las contra o mal, perto de nós outros, ou à distância de nossa assistência afetiva. (XAVIER, 1986, p. 260-277 – *passim*, grifo nosso).

A segunda obra, desse autor espiritual, que aborda o tema é a *Nos domínios da mediunidade*, da qual transcrevemos:

**Quando empresta o veículo a entidades dementes ou sofredoras,** reclama-nos cautela, porquanto **quase sempre deixa o corpo à mercê dos comunicantes,** quando lhe compete o dever de ajudar-nos na contenção deles, a fim de que o nosso tentame de fraternidade não lhe traga prejuízo à organização física. (falando do médium Antônio Carlos).

[...].

“... Entretanto, **adaptando-se ao organismo da mulher** amada que passou a obsidiar, **nela encontrou novo instrumento de sensação, vendo por seus olhos, ouvindo por seus ouvidos, muitas vezes falando por sua boca e vitalizando-se com os alimentos comuns por ela utilizados.** Nessa simbiose vivem ambos, há quase cinco anos sucessivos, contudo, agora, a moça subnutrida e perturbada acusa desequilíbrios orgânicos de vulto”.

[...].

“Notamos que **Eugênia-alma afastou-se do corpo,** mantendo-se junto dele, à distância de alguns centímetros, enquanto que, amparado pelos amigos que o assistiam, **o visitante** sentava-se rente, **inclinado-se sobre o equipamento mediúnico ao qual se justapunha, à maneira de alguém a debruçar-se numa janela”.**

[...].

Observei que leves fios brilhantes ligavam a fronte de **Eugênia, desligada do veículo físico,** ao cérebro da entidade comunicante.

[...].

[...] mas Eugênia comanda, firme, as rédeas da própria vontade, agindo qual se fosse enfermeira concordando com os caprichos de um doente, no objetivo de auxiliá-lo. Esse capricho, porém, deve ser limitado, porque, consciente de todas

as intenções do companheiro infortunado **a quem empresta o seu carro físico**, nossa amiga reserva-se o direito de corrigi-lo em qualquer inconveniência.

[...].

"[...] nesses trabalhos, **o médium nunca se mantém a longa distância do corpo...**"

[...].

Se preciso, **a nossa amiga poderá retomar o próprio corpo num átimo**. Acham-se ambos num consórcio momentâneo, em que **o comunicante é a ação**, mas no qual a médium personifica a vontade... (XAVIER, 1987, p. 28-56 – *passim*, grifo nosso).

É interessante que alguma coisa desses trechos se assemelha à fala do Espírito que explicava como possuía o corpo físico da Senhora A..., na possessão citada na *Revista Espírita*. Segundo nos parece de tudo aqui colocado, em se referindo à médium Eugênia, é apenas uma confirmação do que já foi dito antes, o que nos induz a aceitar, sem maiores reservas, a incorporação como uma realidade no fenômeno mediúnic.

Mais à frente, nessa mesma obra, vamos encontrar relatos ocorridos com uma outra médium, Dona Celina, dos quais reproduzimos:

**A médium desvencilhou-se do corpo físico**, como alguém que se entrega a sono profundo, e conduziu a aura brilhante de que coroava.

[...].

A nobre senhora fitou o desesperado visitante com manifesta simpatia e abriu-lhe os braços, **auxiliando-o a senhorear o veículo físico**, então em sombra.

Qual se fora atraído por vigoroso ímã, **o sofredor arrojou-se sobre a organização física da médium, colando-se a ela, instintivamente**.

[...].

A mediunidade falante em Celina era diversa?

[...].

– Celina – explicou, bondoso – é sonâmbula perfeita. **A psicofonia, em seu caso, se processa sem necessidade de ligação da corrente nervosa do cérebro mediúnic à mente do hóspede que o ocupa**. A espontaneidade dela é tamanha na cessão de seus recursos às entidades necessitadas de socorro e carinho, que **não tem qualquer dificuldade para desligar-se de maneira automática do campo sensório, perdendo provisoriamente o contacto com os centros motores da vida cerebral**. Sua posição medianímica é de extrema passividade. Por isso mesmo, revela-se o comunicante mais seguro de si, na exteriorização da própria personalidade. Isso, porém, não indica que a nossa irmã deva estar ausente ou irresponsável. Junto do corpo que lhe pertence, age na condição de mãe generosa, auxiliando o sofredor que por ela se exprime qual se fora frágil protegido de sua bondade... É por essa razão que o hóspede experimenta com rigor o domínio afetuoso da missionária que lhe dispensa amparo assistencial. (XAVIER, 1987, 69-74 – *passim*, grifo nosso).

Vê-se, portanto, a real incorporação dessa médium, comprovando-se então a hipótese que estamos estudando.

Logo na sequência, fala-se da possessão, que é objeto de estudo num capítulo específico do livro citado. Vejamos:

[...] **A psicofonia inconsciente, naqueles que não possuem méritos morais suficientes à própria defesa, pode levar à possessão**, sempre nociva, e que, por isso, apenas se evidencia integral nos obsessos que se renderam às forças vampirizantes.

[...].

Fitando o companheiro encarnado mais detidamente, concluí que **o ataque epiléptico**, com toda a sua sintomatologia clássica, surgia claramente

reconhecível.

[...].

**Reconhecíamos no moço incapacidade de qualquer domínio sobre si mesmo.**

Acariciando-lhe a fronte suarenta, Áulus, informou, compadecido:

– **É a possessão completa ou a epilepsia essencial.**

– Nosso amigo está inconsciente? - aventurou Hilário, entre a curiosidade e o respeito.

– **Sim, considerado como enfermo terrestre, está no momento sem recursos de ligação com o cérebro carnal.** Todas as suas células do córtex sofrem o bombardeio de emissões magnéticas de natureza tóxica. Os centros motores estão desorganizados. Todo o cerebelo está empastado de fluidos deletérios. As vias do equilíbrio aparecem completamente perturbadas. **Pedro temporariamente não dispõe de controle para governar-se, nem de memória comum para marcar a inquietante ocorrência de que é protagonista.** Isso, porém, acontece no setor da forma de matéria densa, porque, **em espírito, está arquivando todas as particularidades da situação em que se encontra,** de modo a enriquecer o patrimônio das próprias experiências. (XAVIER, 1987, p 75-80 – *passim*, grifo nosso).

A narrativa não nos leva a outra conclusão senão à de que a incorporação é mesmo uma realidade. E, da mesma forma que em Kardec ficou demonstrado isso, aqui vemos, sem margens a dúvidas, tudo se confirmando.

Um complicador a tudo isso é o que ainda consta, no mencionado livro, que vem de encontro a essa possibilidade, conforme se vê nessas duas frases: "... precisamos considerar que a mente permanece na base de todos os fenômenos mediúnicos" e "Achando-se a mente na base de todas as manifestações mediúnicas, quaisquer que sejam os característicos em que se expressem..." (XAVIER, 1987, p. 15 e 18, respectivamente). Acreditamos que isso vem justamente contradizer, salvo melhor juízo, o que está descrito no livro, quando dos casos de incorporação e dos de obsessão, uma vez que, por eles, fica caracterizada a posse do corpo do médium ou do obsidiado, respectivamente.

Quem sabe se não haveria um certo exagero em se dizer de forma absoluta que a mente está na base de todas as manifestações mediúnicas ou, talvez, o que se estaria querendo dizer, na verdade, seria que essa base é a mente do desencarnado que a produz, não como sendo a ligação mente a mente entre os envolvidos no fenômeno mediúnico...

Presumimos que a ideia do autor espiritual possa estar retificada nessa outra fala, onde já não mais coloca as coisas de forma tão abrangente assim: "Vimos aqui o fenômeno da perfeita assimilação de correntes mentais que preside habitualmente a **quase** todos os fatos mediúnicos". (XAVIER, 1987, p. 49, grifo nosso). Esse "quase", parece-nos ser, como se diz, o pulo do gato; por ele entendemos que aí, sim, a possibilidade de incorporação permanece e não contraria tudo o que foi dito no livro sobre o assunto.

A União Espírita Mineira – UEM publicou, em 1983, o livreto *Mediunidade* da série Evangelho e Espiritismo, do qual transcrevemos:

08 – Qual a condição do médium na psicofonia consciente, na semiconsciente e na inconsciente?

R. – Na psicofonia consciente o Espírito comunicante transmite, telepaticamente, às vezes, à distância, as suas ideias ao médium que as retrata com as suas próprias palavras. Na semiconsciente, o Espírito comunicante, através do perispírito do médium, entra em contato com este, atuando sobre o campo da fala e outros centros motores. **Na inconsciente, afasta-se o Espírito do médium do seu próprio corpo, que mais livremente é utilizado pelo comunicante.** Quando há inteira confiança entre ambos, é como se o médium entregasse um instrumento valioso nas mãos de um artista emérito que o valoriza. Se o comunicante é rebelde ou perverso, o médium, embora afastado, age na condição de um enfermeiro vigilante a controlar o doente. (UEM, 1983, p. 52, grifo nosso).

Não sabemos qual é a posição oficial da UEM; porém, da resposta pode-se perceber que

há um afastamento do espírito do médium do seu próprio corpo, que, após isso, passa a ser utilizado pelo espírito comunicante; portanto, s.m.j, julgamos tratar-se do fenômeno de incorporação física.

Visando saber a opinião dos membros do GAE – Grupo de Apologética Espírita<sup>2</sup>, enviei-lhes um *e-mail* solicitando de cada um que, sem qualquer tipo de consulta, pudesse nos dizer o que achava sobre isso. Recebemos oito respostas, das quais 75% foram a favor da possibilidade de um Espírito incorporar num médium. Observamos que, muitas vezes, a experiência pessoal norteia nossa opinião; por isso transcrevemos aqui a que nos deu Maurício C. Pimenta, um dos membros:

Oi, Paulo

Minha opinião é de um leigo que não fez nenhum estudo especializado sobre o tema. Meu pressuposto seria o de que o cérebro comanda tudo, ou melhor, o espírito (através do perispírito) comanda tudo a partir do cérebro, que é seu instrumento. Quando penso em mim mesmo, a impressão que tenho é que a sede de minha consciência estaria alojada temporariamente no meu cérebro, muito provavelmente ligado à parte interna da nuca (quem sabe na glândula pineal...). É o que eu sinto no estado normal. Já no estado de desdobramento, percebo que essa sede de consciência se desloca para fora do meu corpo e aumentando consideravelmente o nível de percepção, a ponto de pensar estar numa espécie de universo paralelo independente do atual. Tomando essas percepções como base, minha suposição é a de que numa incorporação ocorra uma tomada dessa região do cérebro, ainda que temporariamente. Para isso, o incorporar seria necessariamente um alojar de outra consciência nessa parte do cérebro, de onde seja possível controlar o corpo físico. Isto seria diferente de apenas ficar "ao lado de", enviando sugestões e permitindo que o próprio espírito que ali comanda cumpra essas sugestões, a nível consciente ou inconsciente (pensando que elas venham dele mesmo), o que chamaríamos de mediunidade intuitiva.

Em resumo, numa incorporação o espírito se alojaria temporariamente nessa parte do cérebro e daí assumiria o controle do corpo.

Abraços,

Maurício C.P.

Até que nos surja uma explicação melhor, concordamos plenamente com as colocações do nobre colega.

Encontramos uma informação que não poderemos deixar de citá-la, visto corroborar o que dissemos bem no início deste estudo sobre a relação do termo incorporação com a Umbanda. Transcrevemos da obra *Fundamentação da Ciência Espírita* de autoria do prof. Carlos Friedrich Loeffler (?- ):

**Nos últimos anos, houve algum esforço de certos núcleos diretores do movimento espírita, no sentido de fazer uma "limpeza" no vocabulário largamente usado pelos profíctos da doutrina espírita. Resolveu-se banir o termo "incorporação" por achá-lo incorreto e repleto de influências umbandistas. Promoveu-se sua substituição pelo termo psicofonia.**

É interessante o exame desta questão. Antes de qualquer coisa, **o termo incorporação não foi criado por umbandistas**, pois estes não têm nenhuma preocupação doutrinária, embora nos últimos anos tenha surgido alguma literatura unificadora. **O termo foi cunhado por espíritas**. É encontrado naturalmente nas obras de Léon Denis, Gabriel Delanne e muitos outros vultos proeminentes. Obras mediúnicas, como as do espírito Manoel Philomeno de Miranda, na psicografia de Divaldo P. Franco, usam o termo. [...] (LOEFFLER, 2003, p. 274, grifo nosso).

Exatamente o que suspeitávamos, ou seja, não se usa mais o termo por puro preconceito, algo que julgamos lamentável.

<sup>2</sup> [www.apologiaespirita.org](http://www.apologiaespirita.org)

## Conclusão

Aqui, já finalizando, não poderemos deixar de citar o livro *Possessão Espiritual* de Edith Fiore, doutora em Psicologia pela Universidade de Miami, no qual ela narra as experiências que realizou com seus pacientes, submetendo-os a hipnose. Ela acredita nessa hipótese; inclusive, chega a informar que 70% dos casos – mais de quinhentos pacientes – com os quais tomou contato, em seu consultório, tratavam-se de possessão (FIORE, 1990, p. 15).

Tempos atrás, não sabemos precisar quando, tivemos a oportunidade de conversar com uma moça que havia tentado se suicidar pulando da laje de uma casa. Fomos visitá-la no hospital. Contou-nos que não era a primeira vez que isso lhe acontecia; pois tinha, anteriormente, por duas vezes, tentado dar cabo de sua vida cortando os próprios pulsos. Ela confessou-nos que nunca quis realizar esse tipo de coisa, mas uma “força” a obrigava a fazer isso contra a sua própria vontade.

Analisando esse caso, não conseguimos entender como aplicar o “mente a mente” – tese contrária à incorporação – como base para todas as manifestações, uma vez que a pessoa que sofria pressão do Espírito estava, naqueles momentos, em plena consciência de si, apesar de não conseguir exercer o controle de seu corpo. A hipótese que mais nos parece aplicar-se ao caso é mesmo a possessão física, tendo o seu Espírito se afastado momentaneamente do corpo, mas conservando, na dimensão espiritual, a sua lucidez, o que a fez conseguir, por um meio qualquer, trazer à memória física o fato acontecido.

Voltando à questão da pergunta 473, de *O Livro dos Espíritos*, vejamos a opinião do companheiro Ricardo Matos Damasceno em resposta a um outro membro do GAE:

Felipe,

Compreensível a tua preocupação com a matéria, principalmente no que concerne à integridade da questão 473 de OLE. Não obstante, deve conferir-se à resposta em pauta uma interpretação sistêmica, até para compatibilizá-la com as demais obras da Codificação. Nesse item, os Espíritos, de modo genérico, afirmam não ser possível uma substituição da entidade encarnada, no sentido de ela separar-se do organismo para ceder lugar ao apropriante. Em verdade, o Espírito destinado a um corpo está para ele como uma chave para uma fechadura. Possivelmente, tais ligações devem ocorrer em nível quântico, graças a um quantum de energia o qual se modifica de encarnação para encarnação, entre distintos indivíduos, não se repetindo de um corpo a outro.

Essa quantidade de energia estabeleceria, segundo eu penso, a impossibilidade de que um Espírito substitua o outro durante a mesma encarnação. Na hipótese da possessão, a sintonia fluídica deve ajustar-se a um nível vibratório próximo àquele em que se verifica a do Espírito encarnado com o próprio organismo, promovendo uma acoplagem perispírito-perispírito, a fim de que o apropriante temporário detenha o controle dos centros psicossomáticos do médium. Tal fenômeno, todavia, não vem de invalidar a questão 473 de OLE, uma vez que ele deve acontecer em situações raríssimas e, mesmo assim, não há de implicar uma permuta de individualidade. Por conseguinte, observa-se apenas um controle muito amplo, similar àquele experimentado pelo próprio encarnado, através do chamado duplo etérico ou da zona fluídica (interface perispírita) mais densa ou barôntica dos terminais nervosos do Sistema Nervoso Central (SNC) e do próprio Sistema Nervoso Autônomo (SNA).

Abrços,

Ricardo

A nossa conclusão é que, apesar de haver casos em que se pode perfeitamente aplicar o “mente a mente”, outros ocorrem em que a incorporação física é um fato concreto e real.

Paulo Neto  
Jun/2008  
(versão 9 – jun/2014).

**Referências bibliográficas:**

- ANDRADE, H. G. *Espírito, perispírito e alma*. São Paulo: Pensamento, 2002.
- DELANNE, G. *O fenômeno espírita*. Rio de Janeiro: FEB, 1977.
- DENIS, L. *No invisível*. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- FIORE, E. *Possessão Espiritual*. São Paulo: Pensamento, 1990.
- GELEY, G. *Resumo da Doutrina Espírita*. São Paulo: Lake, 2009.
- KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*. Rio de Janeiro: FEB, 2007a.
- KARDEC, A. *O Livro dos Médiuns*. Rio de Janeiro: FEB, 2007b.
- KARDEC, A. *A Gênese*. Rio de Janeiro: FEB, 2007e.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1863*. Araras, SP: IDE, 2000b.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1866*. Araras, SP: IDE, 1993i.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1869*. Araras, SP: IDE, 2001b.
- LOEFFLER, C. F. *Fundamentação da Ciência Espírita*. Niterói, RJ: Lachâtre, 2003.
- LOMBROSO, C. *Hipnotismo e Mediunidade*. Rio de Janeiro: FEB, 1999.
- SCHUTEL, C. *Médiuns e Mediunidades*. Matão, SP: O Clarim, 1984.
- TEIXEIRA, J. R. *Desafios da Mediunidade*. Niterói, RJ: Fráter, 2012.
- UEM – União Espírita Mineira. *Mediunidade*. Belo Horizonte: UEM, 1983.
- XAVIER, F. C. *Missionários da Luz*. Rio de Janeiro: FEB, 1986.
- XAVIER, F. C. *Nos domínios da mediunidade*. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- FRANCO, D. P. *Programa Transição 001 – Mediunidade*. Out/2008, disponível em: [http://programatransicao.tv.br/divaldo-pereira-franco/programa-transicao-001-mediunidade-video\\_5955d7952.html](http://programatransicao.tv.br/divaldo-pereira-franco/programa-transicao-001-mediunidade-video_5955d7952.html), acesso em 11.01.2013, às 07:22hs.
- <http://portalespirito.com/doutrina/letra-i.htm>, acesso dia 11.09.2012, às 10:36hs.
- <http://www.espirito.org.br/portal/perguntas/prg-004.html>, acesso dia 23.06.2008 às 13:15hs

(Esse texto, na versão original, foi publicado, em três partes, pela Mythos Editora na revista **Espiritismo & Ciência**, nas seguintes edições: nº 70 de maio/2009, p. 6-10; nº 71 de junho/2009, p. 14-18 e nº 72 de julho/2009, p. 6-9).